

A contribuição da metodologia de história de vida na formação de universitários: identidade e criação

Sílvia Regina Brandão¹

Resumo: Os processos formativos na sociedade hodierna acontecem em meio a movimentos de descentralização e desinstitucionalização (DELORY-MOMBERGER, 2008) e à pluralidade de referenciais e fragilização dos vínculos de pertença, o que torna o processo de constituição da identidade um desafio a ser enfrentado com protagonismo (LIPOVETSKY, 2011). Nesse contexto, verifica-se a necessidade de metodologias que promovam a constituição da identidade de universitários em formação, de modo a prepará-los para enfrentar as demandas profissionais e afetivas próprias da vida adulta. No presente artigo é possível constatar a contribuição que a metodologia da história de vida oferece nos processos de individualização por promover a identificação de valores singulares e vínculos de pertença, além de ajudar na expressão de si por meio de processos criativos. A memória e a experiência pessoal tornam-se instrumentos de apropriação de si e fonte de referências para construção da identidade e trabalho criativo, recursos fundamentais para o diálogo com as lógicas plurais e paradoxais do contexto atual.

Palavras Chave: história de vida, identidade, processo criativo.

Abstract: Formative processes in the modern society come amid the decentralization and deinstitutionalization movements (DELORY-MOMBERGER, 2008) and the plurality of references and weakening of belonging links, what makes the process of identity formation a challenge to be faced with protagonism (LIPOVETSKY, 2011). In this context, there is a need for methods that promote the identity formation of the college students in order to prepare them to face professional and emotional adulthood demands. In this article, it is possible to check the contribution that the methodology of life story provides in the individualization processes by promoting the identification of singular values and belonging links, in addition to help the expression of the self by creative processes. The memory and the personal experience become instruments for the appropriation of self and source of referrals for construction of the identity and the creative work, fundamental resources for dialogue with the plural and paradoxical logics of the current context.

Keywords: life history, identity, creative processes.

Introdução

O contexto contemporâneo, marcado por transformações estruturais nos âmbitos econômico, cultural e tecnológico, impacta de forma significativa o processo de constituição das identidades. A multiplicidade de referências e a velocidade acelerada das mudanças tornam o processo de descoberta e constituição de identidade complexo e problemático.

Lipovetsky e Serroy (2011) descrevem o conceito da cultura-mundo como estruturado em quatro polos: cultura de mercado, nova forma de individualismo, hiperconsumo e tecnologia. Esse fenômeno abarca todo o globo transformando-o num mundo sem fronteiras e produz desorientação, potencializada com a “excrecência do universo tecno-midiático-mercantil e com o estilhaçamento dos enquadramentos coletivos, a individualização da existência, deixando os indivíduos à mercê de si mesmos.” (Lipovetsky & Serroy, 2011, p. 32). Verifica-se processos de desinstitucionalização a desregulamentação global que deslocam o indivíduo de seu lugar no mundo social e cultural e, ao mesmo tempo, deslocam-no de si mesmo, provocando perguntas, questionamentos acerca da percepção tem de si próprio.

¹. Psicóloga (PUC-SP), mestre e doutora em Educação pela USP. silviarbrandao@gmail.com

A localização e identificação pessoal não são favorecidas por instituições tradicionalmente integradoras como família ou escola, que em função das transformações, já não oferecem parâmetros norteadores. Christine Delory-Momberger analisa as mudanças nessas instituições e seus efeitos para a construção da identidade pessoal: “o casamento e a família tornaram-se, cada vez mais, escolhas individuais e experiências realizadas num período delimitado da vida” e, citando Dubet e Matuccelli (1998), conclui: “os indivíduos constroem famílias bem mais do que são construídos pela instituição familiar” (Delory-Momberger, 2008, p. 74). O processo de desinstitucionalização é verificado também no âmbito da educação formal já que “a escola não é mais objeto de um consenso institucional definido em termos de valores e objetivos partilhados; ela é o lugar de uma ‘experiência’ individual onde cada um, alunos e, em grande parte professores, constrói a significação subjetiva” (Delory-Momberger, 2008, p. 75).

Sendo assim, a descoberta de si, a constituição da própria identidade se dá por meio de um longo processo de busca pessoal num mundo caracterizado por demandas exigentes e contraditórias. A maior parte das dificuldades (bem como das conquistas) dos alunos ao vivenciar os processos formativos e/ou criativos é decorrente dessa dupla paradoxal de características do contexto contemporâneo: por um lado a fragmentação, contínua mudança e ausência de referências estáveis e, por outro lado, a exigência de autonomia, força e consistência do sujeito.

O trabalho com a docência no ensino superior na área de Moda, com as disciplinas Antropologia Filosófica e Orientação de trabalhos de graduação possibilitou realizar estudos acerca do processo formativo de estudantes universitários. As aulas, bem como a realização de ensaios ou escritas de si – conforme metodologia da história de vida – favorecem autoconhecimento, partilha de vivências e reflexão sobre o contexto contemporâneo para identificar suas exigências e recursos. O exercício para comunicação de si, para a escuta do outro e para estar diante do silêncio permitem a descoberta da própria humanidade e a elevação das vivências à condição de *experiência* (caracterizada pela descoberta do sentido do que se viveu) a partir do momento em que se faz um trabalho reflexivo sobre elas (Josso, 2004).

Serão apresentados dois textos – o primeiro escrito por uma aluna do segundo ano e o outro extraído do trabalho de graduação de outra aluna do último ano do curso – que revelam a percepção que essas estudantes têm de si, de sua história e da realidade em que vivem e as possibilidades criativas de diálogo com ela.

Em busca de si

Ananda descreve a trajetória percorrida em sua história para a descoberta de si, identificando experiências significativas que iluminaram suas escolhas e decisões.

Criação

Às vezes eu ficava sozinha por longos períodos. Já não era uma coisa que me incomodava, pelo contrário. Eu imaginava muitas coisas, falava com as paredes, cantava sem parar, vivia historinhas.

Ganhei muitos lápis de cor. Desenhava todos os dias alguma coisa para minha mãe (que eu só via aos fins de semana, quando não tinha aula e não precisava dormir na casa do meu *dithian*, que ficava perto da escolinha do outro lado da cidade): um coração, a escola, os olhos muito, muito verdes do meu amiguinho Marcelo. E desenhava para mim as coisas que eu via na minha cabeça, enquanto eu brincava

sozinha. Ao mesmo tempo, comecei a ler muito. Tudo o que podia. Porque me tirava do tédio constante de conviver só com adultos.

São dois hábitos que nunca abandonei: ler e desenhar. No livro o autor cria a estória, que depois de ser escrita pode ser compartilhada. E aquilo que se compartilha se torna real. Pelos desenhos eu podia materializar absolutamente qualquer coisa que tivesse em mente, com maior ou menor fidelidade. Tudo o que eu construía sozinha tinha um sentido maior depois de passado para o papel, e eu podia expressar o que estava na minha cabeça.

Eu descobri o que é criação.

Moda

Eu e minha *bathian* passávamos as tardes construindo roupinhas de papel para uma bonequinha que eu tinha feito na escola. Com papel de presente. Cortávamos, colávamos todas as possibilidades: saínhas, vestidos, calças, casaquinhos. E eu gostava muito. Quando ela morreu veio uma tia que eu só conhecia por cartas e fotos para ficar comigo e meu *dithian*. Chegou do Japão, muito quieta e muito fria.

Esquematzava todo o roteiro do dia e era muito séria. Tão diferente de qualquer pessoa que eu conhecia... E então eu aprendi o que era ficar só.

Ela comprava-me muitos jornais de pintar, mas eu queria ler. Então lia revistas de adulto. Um dia veio uma revista nova. Comentava uma biografia lançada naquela semana. Falava de uma tal *Coco Chanel*, que não era a mais bonita, nem era rica. Ela fazia roupas como eu e a *bathian* fazíamos, e depois disso ninguém mais se esqueceu dela. Meu coração que foi ambicioso desde sempre, descobriu a moda. Eu escolhi naquele dia o que queria passar o resto da minha vida fazendo.

Home

Quando cheguei aqui em São Paulo, eu me senti completamente perdida na imensidão dessa cidade. Não era um sentimento ruim, pelo contrário. Eu vi um mar de oportunidade em “proporções oceânicas”.

Todo mundo está tão absorto em si mesmo que não se importa com quem você é. Eu encontrei silêncio e distância como nunca antes. Então eu pude falar comigo mesma e me entender.

Eu sempre tive onde morar. Casa.

Mas sempre soube que isso não é a mesma coisa de ter um lar. Um lar, onde você guarda suas coisas, seus pertences. É pra onde você volta cansado do trânsito e do seu dia de trabalho, faz um chá e se deita. São as quatro paredes que te acolhem, que acolhem seus amigos. São as paredes que escutam seus segredos.

Eu estou a quilômetros das primeiras pessoas que eu aprendi a amar.

Estou aprendendo a amar essas pessoas que entraram na minha vida agora... a me sentir segura com elas também. É uma questão de ponto de referência. Muitas coisas aconteceram enquanto eu procurava um lar. Eu senti a maior solidão da minha vida. No sentido ruim dessa palavra. *Lonely, not alone*. Eu peguei o metrô até Tucuruvi, sentei e chorei.

Mas nesses dias em que eu estive "longe de casa", as pessoas que eu aprendi a amar aqui, foram meus pontos de referência, e eu percebi uma coisa que importa mais que tudo quando o assunto é se sentir em casa: seu lar é onde seu coração está. Então eu nunca mais vou me sentir só.

A apreensão do sentido das vivências, a identificação do que é valioso – dos valores – na história pessoal é condição para a descoberta e apropriação de si. Ananda reconhece o gosto pela leitura, a aptidão pelo desenho, bem como o sentido da solidão e da perda, gerando clareza e discernimento importantes para construção de sua trajetória. A avaliação que Ananda faz de suas vivências por meio da experiência elementar² é fundamental para a descoberta e constituição da própria identidade; ela avalia o que vive e apreende o valor que há em experiências como: desenhar, fonte de expressão de seu universo interior e de seus afetos (a satisfação em desenhar para a mãe o que havia de bonito, como os olhos muito verdes do amigo); ler os livros ou revistas que se revelam companheiros e interlocutores na solidão, levando a caminhos nunca antes imaginados; pertencer a pessoas e lugares, fontes de força e referência.

Assim, essa narrativa revela de modo simples e transparente o poder de orientação e discernimento que há no trabalho reflexivo sobre si mesmo. É por meio dele que Ananda descobre sua capacidade criativa, referindo-se a ela de modo ainda inicial, mas já claro: “tudo o que eu construía sozinha tinha um sentido maior depois de passado para o papel, e eu podia expressar o que estava na minha cabeça. Eu descobri o que é criação.” Há algo que pede para ser expresso e é preciso permitir que isso aconteça como diz a bela e significativa afirmação de Drummond (citada por Salles, p.56) sobre a criação: “necessidade de expressão no momento em que falha algo na vida.”

É possível verificar ainda nessa narrativa uma descrição lúcida do contexto no qual a autora vive, indicando de modo agudo o anonimato e individualismo gerados pela cultura-mundo: “todo mundo está tão absorto em si mesmo que não se importa com que você é. Eu encontrei silêncio e distância como nunca antes”. A sensação de isolamento e solidão é crescente apesar extraordinária possibilidade de conexão e comunicação, documentando uma nova forma de individualismo construído nas últimas décadas:

a ‘*vida à la carte*’ tornou-se emblemática desse *homo individualis* desenquadrado, liberto das imposições coletivas e comunitárias. Na escala da história, é uma segunda revolução individualista que está em marcha, instituindo desta vez um individualismo acabado, extremo: um hiperindividualismo (...) como se o desaparecimento de todas as barreiras que constrangiam a liberdade individual resultasse apenas no encerramento do indivíduo em cada cela pessoal. As cidades tentaculares são como símbolo dessa solidão individual coletivamente partilhada (Lipovetsky & Serroy, 2011, pp.48, 55).

Porém, Ananda expressa capacidade de transcender os obstáculos e encontra recursos para enfrentar de modo humano e construtivo essa realidade: “mas nesses dias em que eu estive ‘longe de casa’, as pessoas que eu aprendi a amar aqui, foram meus pontos de referência, e eu percebi uma coisa que importa mais que tudo quando o assunto é se sentir em casa: seu lar é onde seu coração está. Então eu nunca mais vou me sentir só”. Ela descobre em si – “em seu coração ambicioso desde sempre” – os critérios para identificar pessoas, pontos de referências, com os quais pode contar para vencer o isolamento.

² A experiência elementar é definida como “um conjunto de exigências e evidências com as quais o homem é lançado no confronto com tudo que existe. A elas podem ser dadas muitos nomes, por meio de diversas expressões, como: exigência de verdade, exigência de felicidade, exigência de justiça e outras.” (GIUSSANI, 2009, p.24)

Identificando caminhos

Na atualidade o percurso criador tem se revelado um desafio particular, pois a sensação é de que tudo parece já ser conhecido, divulgado. Ainda é possível criar algo novo, original? Essa é uma questão decisiva para os alunos do último ano do curso de Moda que se dedicam ao trabalho de graduação – criar uma coleção – que, para além do cumprimento da exigência acadêmica, pode ser “o seu” trabalho, comunicar valores significativos e singulares a seus pares, ao mundo acadêmico e ao mercado.

Esse é o caso de **Mayara Fuji** que escolheu o tema de sua pesquisa de conclusão de curso já no segundo ano do curso, em função de sua paixão por uma banda japonesa adquirida ainda em sua infância quando morou no Japão. Inicialmente pretendia criar um figurino para os cantores que tanto admirava. Porém, o trabalho de pesquisa e estudo sério sobre o tema levou a autora a fazer uma trajetória surpreendente, chegando a mudar completamente a proposta de seu projeto, como ela mesma explica:

A coleção *AIDORU* (pronúncia em japonês da palavra *Idol* – ídolo em inglês) tem como objetivo mostrar a miscigenação que a globalização causou no Japão devido à indústria cultural. Além de contestar a mídia de entretenimento asiático que proporciona uma mistura desenfreada de culturas, trazendo insegurança e dúvidas para geração Z (pessoas nascidas na década de 90 até o ano de 2009). Atualmente a cultura sul-coreana está sendo disseminada para todo o mundo e, de modo particular, no Japão utilizando-se da música, moda e dança para encantar o público jovem sedento de novidades e consumo. A coleção retrata essa história com a proposta de trazer de volta as raízes milenares japonesas que estão sendo ameaçadas pela manipulação midiática. (Fuji, 2014)

A trajetória de Mayara começa pelo retomada de sua história, de experiências vivenciadas ainda na infância e que são ressignificadas por meio do estudo e também de uma viagem ao Japão, fundamental para busca de dados e materiais. A pesquisa evidenciou os processos de manipulação na indústria cultural bem como a necessidade de resgate de valores originais da tradição japonesa gerando uma coleção que traduz esses dados por meio do design: tecidos, modelagens, volumes, cores, enfim, a coleção *AIDORU*:

Para poder mostrar a influência dos americanos e sul-coreanos na cultura japonesa, no âmbito de entretenimento musical, os primeiros *looks* da coleção trazem influências da música americana, como *hip-hop* e *rap*. Com calças estilo *saggy*, camisetas largas com estampas chamativas, uniformes de colegial americano, o uso do boné e o moletom. Aos poucos, os *looks* trarão características orientais, como a modelagem do quimono, a delicadeza e minuciosidade dos tecidos feitos à mão e das aplicações de aviamentos de alta qualidade. Toda coleção terá aplicações de cristais *Swarovski* que é uma expressão do brilho midiático que tanto nos cegam. E para mostrar o sufocamento dessa ditadura de pensamento pré-determinado pela cultura global, o uso de correntes e amarrações japoneses, usados nos quimonos. Os modelos escolhidos não são apenas orientais. Para os primeiros *looks*, são homens ocidentais, morenos, passando para ruivos, sul coreano, japonês e por fim o mestiço. Contando a história da miscigenação que a globalização trouxe junto com as diversidades étnicas.

A coleção inicia-se com as roupas que possuem mais influências da moda americana e ela vai se desenvolvendo até chegar na tradicional vestimenta japonesa, o quimono.



Nas considerações finais Mayara constata:

Essa coleção mostra que é possível o encontro entre culturas, sem que se perca a raiz de cada uma delas. Cada cultura e cada pessoa têm sua própria identidade e nela deve se firmar para poder enfrentar o contexto de manipulação sem ser por ele controlado. (...)

Esse tema está sendo analisado desde o início de 2012 e a cada passo dado havia uma descoberta assustadora e, ao mesmo tempo encantadora. No início da pesquisa o tema era a glorificação da *performance* asiática, porém após as análises e a viagem ao Japão, verificou-se a necessidade de mostrar a verdadeira face da indústria do entretenimento asiático. (...)

Com esse trabalho pude presenciar minha própria jornada para descoberta da minha essência. Portanto é de extrema importância nunca se esquecer de si mesmo e dos próprios antepassados. Ainda haverá esperança nesse mundo se cada um fizer a sua parte e não cortar, censurar as próprias raízes.

No percurso trilhado pela jovem estilista Mayara verifica-se a potência do processo criativo que nasce a partir da apropriação da história e tradição cultural e da avaliação do contexto circundante. Identificar a riqueza dos valores, gestos, estéticas presentes em tradições recebidas permite reconhecer a redução produzida por processos de manipulação e uniformização realizados pela indústria cultural, além de favorecer a busca por meios de enfrentar e superar esse reducionismo. Assim, a memória e o resgate do patrimônio cultural favorecem o processo criativo: “não há criação sem tradição, uma obra não pode viver nos séculos futuros se não se nutriu dos séculos passados. Nenhuma artista de nenhuma arte tem seu significado completo sozinho.” (Salles, 2009, p.45)

É a identidade pessoal do estilista que se revela e se comunica de forma singular: sua sensibilidade, seus valores culturais e estéticos herdados e/ou descobertos no presente, de qualquer forma apreendidos e traduzidos por sua assinatura, seu estilo pessoal. Como a própria Mayara sinaliza, a coleção *AIDORU* expressa um discernimento pessoal – documentando um processo pessoal de conscientização – como também um posicionamento diante do mercado de moda e de cultura, afirmando a possibilidade concreta de superar a cultura global de mercado e de propor um trabalho de criação autoral, com identidade própria.

Aqui se verifica o que Cecília Salles denomina de princípios éticos presentes no projeto poético: “o projeto poético também está ligado a princípios éticos de seu criador: seu plano de valores e sua forma de representar o mundo. Pode-se falar que um projeto ético caminhando lado a lado com o grande projeto estético do artista.” (2009, p. 41). Desse modo a memória e a experiência pessoal tornam-se instrumentos de apropriação de si e fonte de referências para construção da identidade e de um trabalho criativo, recursos fundamentais para o diálogo com as lógicas plurais e paradoxais do contexto atual.

Considerações Finais

O trabalho reflexivo sobre a própria história é reconhecido pelas próprias alunas Ananda e Mayara como importante recurso para a apreensão de si, para a descoberta do valor do outro e dos acontecimentos, enfim, para identificar o sentido daquilo que vivem. É uma oportunidade de tomar consciência de si mesmo – o *locus* de formação pessoal (Josso, 2004).

A busca por percursos formativos para jovens e adultos tem revelado metodologias promissoras, como o procedimento de história de vida, centrado em narrativas biográficas proposto por Jean Pineau, Marie-Christine Josso e Pierre Dominicé. Esses pesquisadores têm documentado amplamente a fecundidade que essa metodologia oferece para o processo de formação do sujeito no mundo contemporâneo.

A perspectiva da formação/transformação biográfica, porque experiencial é encarada do ponto de vista das mudanças vividas por todo ser no mundo e não somente pelos que aprendem. E do ponto de vista de como cada um se coloca no projeto educativo social e como cada um dispõe as tensões inevitáveis entre as imposições de seus contextos de vida e as emergências interiores que os interpelam para autonomizar-se dos modelos socialmente valorizados tanto por seu próximo como pela sociedade. Porque essa autonomização, lembremos, é com certeza, uma conquista sem fim suportada por um imaginário e uma criatividade a ser mantida e cultivada. (Josso, 2006, p.34)

É comum que, inicialmente, o trabalho com a autobiografia provoque desconcerto e certo receio por não ter o que escrever ou relatar. Logo depois, entretanto, há surpresa e contentamento pela descoberta de encontros preñhes de significados, reveladores de si mesmo e do outro. A apropriação da história biográfica, particularmente do sentido que ela apresenta, favorece assim que o educando se torne sujeito da própria história (Delory-Momberger, 2006).

Nesses dois casos identifica-se a potencialidade que nasce de estar presentes, de olhar verdadeiramente, integralmente para as questões desse tempo e como estas se apresentam no universo particular de cada uma dessas alunas. Podem-se identificar aí indícios do ser *contemporâneo*, no sentido em que o concebe Giorgio Agamben:

Ser contemporâneo é ser pontual num compromisso que apenas se pode faltar. (...) O compromisso que está em questão na contemporaneidade não tem lugar simplesmente no tempo cronológico: é no tempo cronológico, algo que urge dentro deste e que o transforma. E essa urgência é a intempetividade, o anacronismo que nos permite

apreender o nosso tempo na forma de um ‘muito cedo’ que é, também, um ‘muito tarde’, de um ‘já’ que é também um ‘ainda não’. E, do mesmo modo, reconhecer nas trevas do presente a luz que, sem nunca poder nos alcançar, está perenemente em viagem até nós. (Agamben, 2013, pp. 65, 66)

O dom que se recebe pelo processo de criação vivenciado nesse nível é o da alegria, que se verifica com clareza nas jovens estilistas e também em seus professores. A alegria é uma vivência paradoxal já que não pode ser gerada por uma decisão ou atuação a fim de consegui-la, ela surge como um presente, consequência de um bem atingido, conquistado que se torna, agora, indispensável.

A alegria da vida reside no triunfo irresistível e constante do valor novo. Esta vitória é lenta. O valor novo conquista progressivamente os homens. E assim que ele se torna indiscutível aos olhos de muitos se faz desse valor, agora indispensável, uma muralha erguida contra o futuro (Kandinsky, 1998, p.14)

Referências Bibliográficas

AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó -SC: Argos, 2009.

DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e Educação: figuras do indivíduo-projeto**. Natal EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

FUJI, M. **AIDORU: a performance como manipulação, o show business asiático**. São Paulo: Faculdade Santa Marcelina, 2014.

GIUSSANI, L. **O Senso Religioso**. Brasília: Editora Universa, 2009.

JOSSO, M.C. **Experiência de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

JOSSO, M.C. Os relatos de histórias de vida como desvalamento dos desafios de formação e do conhecimento: destinos sócio-culturais e projetos de vida programados na invenção de si. In SOUZA, E. C. e ABRAHÃO, M. H. (Org.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, Salvador: EDUNEB, 2006.

KANDINSKY, W. **Gramática da criação**. Lisboa: Edições 70, 1998.

LIPOVETSKY, G.; SERROY, J. **Cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011

SALLES, C. A. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. São Paulo: FAPESP; Annablume, 2009.